

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

PRÁTICAS SOCIAIS E CIDADANIA NO CENTRO URBANO: O CASO DO BAIRRO DE BATISTA
CAMPOS, EM BELÉM.

Joao Afonso Miranda Dias (UFPA)

PRÁTICAS SOCIAIS E CIDADANIA NO CENTRO URBANO: O CASO DO BAIRRO DE BATISTA CAMPOS, EM BELÉM.

Resumo

O bairro de Batista Campos, em Belém, como um espaço privilegiado de políticas públicas representa por parte do poder público e para própria sociedade uma significativa importância identitária. Nesse sentido, a centralidade, sem desconsiderar a natureza fragmentada do espaço urbano, faz com que a vida urbana presente no bairro seja uma das principais da cidade de Belém. A praça Batista Campos, enquanto espaço de encontro inscrito na história da cidade, expressa bem esse sentimento, assim como o shopping Iguatemi. Esses espaços, que mostra a natureza contraditória de nossa sociedade, regidos por lógicas diferentes que influem as práticas, os hábitos e os comportamentos culturais daqueles que a freqüentam. Em uma sociedade direcionada para o consumo onde há o predomínio do valor de troca, os espaços da racionalidade, como o shopping Iguatemi, passam a cada vez mais figurar como o locus do lazer e do entretenimento nos centros urbanos, possibilitando um encontro mediado pela mercadoria e pelo valor de troca do objeto. Já a praça de Batista Campos passa a ser o espaço público privilegiado, onde o encontro e simultaneidade pode ser sentida em sua forma mais fina no cotidiano dos seus freqüentadores. Esse espaço permeado de cultura e praticas sociais de cidadania, resiste frente um grande número de espaços destinados ao valor de troca.

A realidade urbana enquanto uma realidade inacabada, em vias de virtualidade iluminadora, como “*possível*, definido por uma direção, no fim do percurso que vai em direção a ele” (LEFEBVRE, 2002, p. 27) é em essência um múltipla e complexa, isto é, contraditória. Nesse sentido, a forma urbana da cidade de Belém consegue presenciar, a partir da década de 1960, a intensificação de um processo de implosão-explosão. Movimento esse faz com que o seu centro urbano, enquanto um instante da apreensão do espaço-tempo, apresente realidades múltiplas dentro da diversidade dos modos de viver e das práticas sociais da totalidade do espaço urbano que, ao mesmo tempo, se aproximam e se distanciam, encontram-se e desencontram-se, dentro do possível-impossível.

Tentaremos aqui à busca de um conhecimento/re-conhecimento global de um aspecto do fenômeno urbano em um movimento conjunto e coordenado da apresentação dos fatos e dos conjuntos de fatos, seu modo de perceber e agrupa-los, ao mesmo tempo em que, apreendemos a re-presentation, a interpretação dos fatos. Com o objetivo de encontrar e/ou reencontrar por vários caminhos a particularidade do fenômeno do urbano por nós estudado.

Portanto, a reflexão da cidade e a da realidade urbana se realiza de forma plena na possibilidade do encontro. Do conhecimento (re)conhecimento da diversidade de espaços-tempo. Na simultaneidade e na reunião dos traços e dos conteúdos específicos da forma urbana, que tem no centro urbano da cidade, no caso de Belém, sua forma singular de viver o cotidiano urbano.

O espaço urbano e a vida urbana pressupõem a possibilidade do encontro entre as diversas realidades que a vivencia da cidade e do urbano apresenta, dentro das características do espaço urbano fragmentado, porém articulado. O confronto entre os diferentes que coexistem na cidade, seu conhecimento e reconhecimento recíproco com seus modos de viver, práticas sociais e padrões distintos possibilita a virtualidade possível de uma democracia urbana real até então inexistente.

O bairro de Batista Campos como um espaço privilegiado de políticas públicas, localizado no centro urbano de Belém, representa por parte do poder público e para própria sociedade uma significativa importância identitária. Nesse sentido, a centralidade, sem desconsiderar a natureza fragmentada do espaço urbano, faz com que a vida urbana presente no bairro seja uma das principais da cidade de Belém. A praça Batista Campos, enquanto espaço de encontro inscrito na história da cidade, expressa bem esse sentimento. No entanto, podemos identificar no Shopping

Iguatemi o movimento que se desencadeia dentro de processos mais gerais, no contexto do capitalismo global, com o objetivo de maximização dos lucros e maior acumulação.

A cidade tem sua essência no valor de uso, como nos mostra Lefebvre (2001). No decorrer do desenvolvimento das forças produtivas o capitalismo ou a troca e o valor de troca passam a prevalecer sobre o valor de uso. O ser, valor de uso, na sociedade atual é reduzido pelo Ter, enquanto valor de troca. Com isso, essa sociedade capitalista em que o valor de troca prevalece e entra no cotidiano e nos atos mais banais e corriqueiros da vida das pessoas acabam por definir tipos de práticas sociais e culturais.

O lugar reflete essa contradição e complexidade da realidade urbana, em Batista Campos. O espaço vivido que possibilita o conhecimento/reconhecimento, do espaço apropriado pelo corpo e pelos sentidos e do próprio indivíduo que nele habita.

O bairro de Batista Campos é vivido, sentido, no cotidiano daqueles que freqüentam o bairro, seja seus moradores, seja moradores de bairros próximos ou periféricos, no caminhar pelos espaços públicos rumo a espaços privados econômicos ou individuais, nos gestos, nas formas de vestir e se portar em público.

O reflexo desse movimento contraditório da sua constituição, entre movimentos inscritos na história de um povo, pela cultura/tradições/hábitos/línguas e, por outro lado, por meio de processos mais gerais que se dão à nível global.

Com isso, para a análise dos processos sócio-espaciais recentes presentes no bairro de Batista Campos, em Belém, juntamente com sua atual forma espacial e conteúdo social do bairro Batista Campos, necessário se faz a apreensão histórica mais abrangente no contexto no qual esses processos estão inseridos. Nesse sentido, não podemos negligenciar o processo de expansão e abertura da fronteira amazônica, a partir da década de 1960, pelos governos militares, e mais, particularmente, a partir da década de 1980, a qual possui papel fundamental no que concerne a dinâmica de reestruturação do espaço urbano regional e local na Amazônia.

1. A abertura da fronteira amazônica

A partir da década de 1960, a região amazônica vive um processo de modernização e integração do território nacional, com o objetivo de levar o progresso e o desenvolvimento as regiões mais afastadas do país, com a implementa de um processo de valorização do território amazônico tendo em vista a expansão do capital e de suas relações de produção.

Considerada como um dos últimos espaços de projeção e expansão das relações capitalistas mundiais de produção (B. Becker, 1990 a) a abertura da fronteira amazônica tem papel fundamental no vigoroso movimento de urbanização presenciado na região. Com o objetivo da integração da região e do país ao sistema hegemônico mundial, estruturado a partir da segunda guerra mundial (Rodrigues, 1994).

Deve ser levada em conta, nesse processo, que a urbanização da fronteira amazônica é estratégia de rápida ocupação e apropriação do espaço regional, como nos lembra B. Becker:

“Uma fronteira urbana é a base logística para o projeto de rápida ocupação da região, acompanhando e mesmo se antecipando à expansão de varias frentes. Trata-se de uma feição original da fronteira contemporânea. A urbanização não é uma conseqüência da expansão agrícola: a fronteira já nasce urbana, tem um ritmo de urbanização mais rápido que o resto do Brasil. E esta feição esta intimamente associada à migração”. (B. Becker, 1990, p 52).

Nesse contexto, podemos verificar um significativo crescimento não só da população urbana à nível regional amazônico, como também em relação à multiplicação do número municípios.

A análise da articulação da expansão da fronteira econômica e o intenso processo de urbanização verificado na região, inclusive o da região metropolitana de Belém, vão contribuir para a desestruturação da rede urbana dendrítica herdada de períodos anteriores, com a presença de apenas um pólo urbano econômico principal, Belém, e com a praticamente ausência de centros urbanos intermediários em toda a rede urbana regional. Os elementos que mais se destaca e passam a definir a existência de uma nova configuração de rede urbana regional é a maior importância das cidades de porte médio, até então inexistentes anteriormente, e um reforço a concentração espacial nas capitais regionais.

Uma outra tendência dessa reestruturação do espaço regional amazônico é o reforço à concentração espacial nas capitais regionais que se acelerou a partir da década de 1960, em Belém e Manaus.

Pode-se observar uma redefinição da importância da metrópole belenense nos processos dinamizadores da economia regional. Tendo em vista que, nesse processo a região da Amazônia oriental cresce mais que a sua própria metrópole, com o dinamismo econômico e social implementado em outras frações do espaço regional nos últimos anos. Além de que podemos constatar que, nos últimos anos, houve um deslocamento e uma redução dos estabelecimentos

industriais que funcionavam na região metropolitana de Belém, principalmente nos distritos de Ananindeua e Icoaraci, para a periferia distante em expansão da mesma metrópole. Levando consigo, por meio da ação coordenada do Estado e do capital, o aparecimento de novos espaços de assentamento social nas franjas urbanas das grandes metrópoles, na qual Belém se inclui, e também nas cidades médias, sem nenhum tipo de qualidade de vida social e completa deteriorização ambiental, com a formação e configuração de um exército de reserva¹.

Esse processo de metropolização, com o crescimento das grandes e muito grandes aglomerações urbanas, as quais algumas alcançam o status de metrópole, das capitais estaduais ocorre, inevitavelmente nos últimas décadas, paralelamente ao processo de desmetropolização, que se processa com o crescimento do número de centros urbanos não metropolitanos e dos novos núcleos urbanos intermediários e de suas respectivas populações.

A reestruturação do espaço metropolitano de Belém

A análise da articulação da fronteira econômica na Amazônia e o processo de urbanização vivenciado pela região vão nos dar as bases para podermos analisar os complexos processos desencadeados à nível local em Belém.

Nesse sentido, o intenso processo de urbanização vivenciado na Amazônia possibilitou um reforço ao processo de urbanização concentrada nas capitais estaduais, que presenciam, em alguns casos como em Belém, uma redefinição de sua importância regional, que, por sua vez, possibilitou o desencadeamento do processo de metropolização dessas cidades.

Nesse período a forma urbana da metrópole belenense se caracterizava por ser tida como uma forma *compacta e confinada* (Trindade Jr., 1998), onde se podia observa na área central da metrópole bolsões de pobreza, sem nenhuma infraestrutura adequada e péssima qualidade ambiental. O processo de suburbanização e periferização em Belém nas décadas de sessenta, setenta e início da década de oitenta essas populações migrantes acabam por se apropriar de espaços localizados centralmente, dentro da 1^o légua patrimonial, principalmente nas chamadas áreas de baixadas, que passam a ser o espaço de reprodução da social da mão-de-obra e cujo ambiente não propicio a sua ocupação passa a ser cada vez mais desfavorável. Mas que possuíam a vantagem de estarem mais próximos dos principais equipamentos urbanos da metrópole belenense.

Entretanto, essa forma metropolitana que marca um primeiro momento do processo de metropolização é progressivamente substituída, com o remanejamento dos bolsões de pobreza onde viviam as populações de baixa renda, centralmente localizadas, por meio de um processo de periferização e suburbanização das áreas mais afastadas da metrópole belenense e, por outro lado, uma revalorização por parte das ações do Estado e do capital privado das terras localizadas dentro da 1ª légua patrimonial

A forma contemporânea metropolitana caracteriza-se pela distribuição e organização em áreas periféricas em constante expansão, reestruturação essa que é fruto e condição do processo combinado de (des)industrialização e (re)industrialização, constituindo, assim, um processo de suburbanização e metropolização difusa e continua tanto da população metropolitana quanto das atividades econômicas ligadas ou não à indústria.

No entanto, em economias periféricas e dependentes como é o caso da região amazônica faz-se necessário observar certas particularidades presentes na região. Pelo fato de não possuir as mesmas características dos países centrais, o capital presente na periferia precisa concentrar seus recursos em poucos centros à custa do restante do território, com o objetivo de se alcançar um mínimo de complexidade às aglomerações urbanas, tais como as encontradas em cidades dos países desenvolvidos. Persistindo, assim, o agravamento das disparidades sócio-espaciais no que se refere ao conjunto dos equipamentos urbanos e outras condições gerais de acumulação, que são expressos com o aumento da segregação.

A ausência de um setor secundário moderno e dinâmico, apresentando limitada diversificação industrial, pouca modernização tecnológica e os mais baixos índices de concentração industrial no conjunto das regiões metropolitanas brasileiras, fazem com que as condições de empobrecimento da população urbana seja sentida em grandes proporções. O que acaba por refletir e impactar no espaço de reprodução da força de trabalho urbana. Como nos mostra E. Rodrigues:

“Mantém-se a predominância do terciário no setor formal da economia, que, no entanto, tem a capacidade de absorver parcela relativamente pequena da força de trabalho; o contingente de trabalhadores na indústria é ainda mais insignificante, inclusive qualitativamente, haja vista o baixo grau de desenvolvimento das forças produtivas locais; e, o exercito industrial de reserva, mesmo subtraindo-se os que, menos desempregados, desenvolvem ocupações econômicas não formais, é escandalosamente expressivo” (Rodrigues, 1996, p. 108).

Em conseqüência disso, a forma metropolitana engendrada no contexto histórico atual e obedecendo as peculiaridades e as particularidades da RMB constatamos que os termos da dispersão da metrópole belenense ajusta-se às estratégias dos agentes locais, no processo de desconcentração, visto que o principal fator dessa dispersão é a habitação de baixa renda, combinada as características da metrópole corporativa. Que se traduzem numa forma do espaço metropolitano dispersa e numa seletividade de atendimento de demanda a equipamentos de infraestrutura e serviços no espaço quanto aos agentes locais.

As características do capital em áreas periféricas e dependentes, como o caso da Amazônia e, mais particularmente, da região metropolitana de Belém, de centros de capital desenvolvido, não possuem as mesmas características e patamares de acumulação dos encontrados nos países centrais, necessitando, assim, compensar, por meio dos seus vetores hegemônicos, a concentração dos recursos limitados em poucos centros à custa do restante do território, com o objetivo de conseguir aglomerações urbanas com o mínimo de complexidade tornando-se comparáveis as apresentados em países desenvolvidos.

Isso possibilita uma organização do território que proporciona e gera um aumento das disparidades sócio-territoriais, uma vez que vem atender os interesses dos atores hegemônicos da economia, que se situam no espaço urbano das grandes metrópoles brasileiras. A segregação sócio-espacial é fruto da necessidade e do interesse pelo controle das vantagens locacionais. O que esta em jogo, portanto, nesse processo é, sem sombra de dúvida, a questão da melhor acessibilidade à certos recursos, serviços de infraestrutura e de certos bens essenciais.

Acreditamos, com isso, não só num reforço a urbanização concentrada mas também à uma certa centralidade presente nos bairros mais centrais do espaço urbano. Por mais que, no caso do espaço metropolitano de Belém, observássemos nos últimos anos uma dispersão de grande parte da força de trabalho antes localizada centralmente e uma desconcentração de certas atividades econômicas para as franjas metropolitanas, visto que os fixos e fluxos se correlacionam e cada vez mais se caracterizam pela sua qualidade e pelo seu peso políticos.

O espaço reflete as contradições sociais e o atual estágio de acumulação do capitalismo. Nesse sentido, as características de uma metrópole corporativa, segundo M. Santos (1990), se expressão em uma forma urbana dispersa e numa seletividade no que se refere ao atendimento da demanda social. Atualmente, as áreas mais centralizadas no espaço urbano de Belém, inclusive as

áreas de baixas cotas altimétricas, como as áreas de baixada, tem sido redefinidas e (re)valorizadas no conjunto do processo de valorização capitalista do espaço da metrópole.

As áreas circunscritas na primeira légua patrimonial da cidade de Belém vão a partir da década de 1980 consolidar e reafirmar as estratégias de apropriação do espaço intra-urbano por meio do seu rearranjo espacial. Possibilitando, assim, uma reestruturação da malha metropolitana com a gradativa expulsão e realocação das classes de renda inferior para as áreas periféricas em grande expansão, por meio da ação institucional do Estado e pela própria pressão do mercado imobiliário, seja por meio das diversas intervenções urbanísticas implementadas pelo poder público seja em função do intenso processo de especulação imobiliária e da valorização dos terrenos, o que implica na maior cobrança de impostos.

Com isso, o centro urbano da metrópole, com a efetiva incorporação das áreas de baixada à estrutura da cidade, passa a ser apropriado pelos setores sociais de nível sócio-econômico mais elevado, com o objetivo de otimização dos recursos e da infraestrutura para melhor acumulação. Vivenciando um intenso processo de valorização e modernização. As que ainda não possuíam uma infraestrutura adequada com péssima qualidade de serviços públicos como saneamento, esgoto, ruas asfaltadas para circulação rápida de automóveis, como as áreas de baixada, vão passar a receber. Ao passo que aquelas que já possuíam um nível de valorização vão presenciar uma revalorização, com o aumento da segurança, manutenção de vias e de iluminação públicas, reforma de logradouros públicos, etc.

No interior da primeira légua patrimonial, os bairros do maior interesse do capital imobiliário, a partir da década de oitenta, são de Batista Campos, Nazaré, Reduto, e Umarizal. Essas áreas centrais mais consolidadas da cidade vão passar por um racional aproveitamento de seu espaço com a intensificação do processo de verticalização, antes limitadas aos terrenos com maiores cotas altimétricas do centro urbano – uma vez que Belém ainda não possuía um sistema de engenharia avançado para edificações em áreas alagadas de cotas inferiores a 5m – em áreas em torno do núcleo central, onde se localizam os melhores e principais equipamentos da infraestrutura urbana.

A verticalização, enquanto um processo resultante da produção do espaço, caracterizado pela multiplicação do uso do solo urbano, por meio da superposição de imóveis sobre um mesmo terreno (Oliveira, 1992), passa a ser, portanto, uma solução funcional, na medida em que possibilita racionalizar o espaço, com o aproveitamento efetivo do terreno apresentando alta

densidade de área construída, assentando um elevado número de pessoas cada vez maior, em uma porção do espaço urbano restrito (primeira légua patrimonial), em função da otimização da infraestrutura de equipamentos urbanos existentes nessa área. Representando, assim, uma significativa economia do capital estatal investido neste setor.

A supervalorização desses bairros localizados na área central da cidade em virtude da intensidade da utilização de um mesmo terreno, com o crescimento vertical da cidade, permitindo assim, a superposição de um grande número imóveis ocasiona inúmeros problemas. Se de um lado, a verticalização possibilita a melhor utilização do espaço urbano e de seus equipamentos, por outro lado, ocasiona um desgaste e saturação de toda essa infraestrutura, atingindo sobre tudo o sistema de transportes urbano, mas também outros serviços e equipamentos essenciais como praças, feiras, vias públicas, etc, para a população. Isso exige do Estado uma constante aplicação de seus investimentos na ampliação e manutenção dos equipamentos aí localizados. Ratificando uma organização do território geradora de pobreza e desigualdade, uma vez que negligencia outras partes do espaço urbano.

No entanto, cabe aqui ressaltar que o processo de verticalização vivenciados por essas áreas da região metropolitana não pode ser confundido necessariamente com adensamento populacional. Os dados levantados pelo IBGE em 1991 demonstram uma variação negativa da população em quinze bairros oficiais de Belém.

Essas áreas destinadas a um estrato social de renda mais elevada, cujos apartamentos são chamados pelas incorporadoras de primeira classe, formão um conjunto de bairros que constituem em uma espécie de semicírculo em torno do núcleo central da cidade de Belém, o que demonstra a importância de determinadas parcelas do espaço intra-urbano para o capital privado e público.

1.3 – A inserção no contexto : o bairro de Batista Campos.

O bairro de Batista Campos, considerado um dos bairros mais nobres da cidade, situado na área central da metrópole de Belém tem como limites os bairros de Campina, à noroeste, o bairro de Nazaré, ao norte e nordeste, o bairro da Cremação, à leste, o bairro da Condor, ao sudeste, o bairro do Jurunas, ao sul, e Cidade Velha, ao sudoeste.

Inserido no contexto de revalorização de seu espaço por parte das novas estratégias dos vetores hegemônicos que guardam os interesses do capital, seja ele empresarial, financeiro, imobiliário e estatal, o bairro de Batista Campos começa a vivenciar uma intensificação do

processo de verticalização, juntamente com os terrenos de outros bairros localizados no interior da primeira légua patrimonial, privilegiando, dessa vez, principalmente, os terrenos de cotas altimétricas mais baixas, com o aproveitamento efetivo do terreno.

O bairro já apresentava uma boa quantidade e qualidade de equipamento e serviços, tais como um sistema de esgoto sanitário e galerias pluviais, saneamento, vias públicas asfaltadas e algumas das artérias principais da cidade estão em seu território, logradouros públicos dos mais freqüentados da cidade, mostrando ser, assim, um bairro já valorizado por parte do capital privado e do Estado. Sendo, portanto, alvo privilegiado para residências de alto padrão das classes mais abastadas da cidade. Uma elite intelectual e financeiramente privilegiada que faz da paisagem do bairro de Batista Campos muito diferente das que encontramos nos novos assentamentos urbanos localizados na área de expansão da cidade. Nesse sentido, inúmeras obras foram sendo realizadas por parte do poder público durante as últimas décadas com o intuito de privilegiar esses setores da sociedade local.

Além disso, o processo de verticalização intensificado a partir da década de 1980, mas que teve início, principalmente, na década de 1960, com o processo da abertura da fronteira amazônica e das vias de integração da região ao resto do país (Oliveira, 1992), constituiu-se um outro elemento do processo de metropolização, quando um vigoríssimo processo de urbanização da metrópole acarretou um aumento imanente das pressões sociais por equipamentos urbanos.

Observou-se que o intenso uso do solo urbano proporciona uma saturação dos equipamentos de infraestrutura presentes no bairro de Batista Campos exigindo do poder público uma constante aplicação de investimentos. Com a manutenção das vias e logradouros públicos, iluminação, saneamento, coleta de lixo urbano regular, manutenção do efetivo policial, etc.

No entanto, o bairro de Batista Campos apresenta em certas partes bolsões de pobreza que representam uma ameaça aos moradores mais abastados do bairro. Sem contar que o bairro de Batista Campos faz fronteira com inúmeros bairros da área central considerados de baixa renda e que apresentam uma alta taxa populacional. Uma vez que muitos bairros da área central apresentaram um crescimento populacional nos últimos anos por mais que houvesse tido um remanejamento da população de baixa renda para a área de expansão da metrópole.

Durante a década de 80 e início da de 1990 observou-se um aumento dos assaltos nas avenidas e ruas do bairro em decorrência do baixo policiamento nas ruas e do aumento da presença de vândalos e marginas em vários pontos do bairro. Há também a má conservação e

sucateamento de serviços como iluminação e conservação de vias e logradouros públicos, a diminuição do efetivo da guarda municipal houve o aumento das pichações e depredações das placas de trânsito e de indicação das principais ruas, precariedade na coleta do lixo residencial urbano.

Soma-se a isso a crise que abala a economia nacional nas das décadas de 1980 e início de 1990, com o desmoronamento do padrão de financiamento da economia brasileira e das políticas urbanas, o que proporciona uma grande limitação e redução dos recursos financeiros aplicados nas regiões metropolitanas de todo o Brasil se compararmos as décadas anteriores, como analisado por Melo (1995):

“Considerando agora rapidamente as mudanças estruturais no plano econômico, pode-se afirmar que na década de 80 ocorreu um esgotamento do padrão de financiamento da economia brasileira que havia se consolidado nos anos 40. Como amplamente analisado, esse padrão de financiamento se assentava em três suportes. Em primeiro lugar, no investimento direto de oligopólios dos países centrais que se expandiram sobre espaços da periferia do sistema mundial – num movimento de constituição do que veio a se chamar de nova divisão internacional do trabalho, da qual o Brasil foi o principal beneficiário em escala global.

Em segundo lugar, esse padrão de financiamento se assenta num conjunto de fundos públicos que foram montados durante o pós-guerra, com mecanismos diversos de ampliação das bases fiscais do Estado brasileiro (...). As reformas tributárias de 66 e as reformas bancária e do mercado de capitais de 64 e 65 alavancaram, com se sabe, a capacidade de exação do Estado em relação à sociedade.

Em terceiro lugar, esse padrão de financiamento tinha como pressuposto o acesso ao mercado internacional de crédito que emergiu nos fins dos anos 60 e se expandiu aceleradamente nos anos 70” (Melo, 1995, p. 250).

Mesmo assim, com recursos limitados devido a crise que se abate nas metrópoles brasileiras, inúmeras obras de conservação e de infraestrutura foram feitas no bairro de Batista Campos, não só por parte do poder público mas também por parte do capital privado. Em 1987, na administração Coutinho Jorge, foi reinaugurada as obras de revitalização da praça de Batista Campos um dos pontos mais valorizados do bairro e que serve de ponto de encontro tradicional dos moradores não só do bairro, como também de outros bairros vizinhos à Batista Campos.

Ainda nesse período, podemos observar a tentativa do poder municipal de privilegiar o bairro como o aumento do policiamento municipal no bairro em pontos estratégicos, como a

própria praça à qual passou a ter um efetivo permanente, a recuperação e manutenção das vias com operação tapa buracos e aumento da iluminação, manutenção das placas de sinalização de ruas, revitalização da feira de Batista Campos, por meio da SECON, que passou por um processo de modernização das estruturas das barracas, iluminação pública eficiente e com a recadastramento dos feirantes que passaram por treinamentos e cursos de relações públicas; implantação, no início da década de 90, dos programas de ordenação de vias públicas que visava facilitar o intenso e já caótico fluxo dos veículos urbanos, devido o aumento e expansão da cidade, e do programa de conservação e restauração do patrimônio histórico com a revitalização do cemitério da Soledade, tombado pelo patrimônio histórico e à anos desativado; começo das obras da construção do Horto Municipal que depois de inaugurado passa a ser mais uma opção de lazer para o morador do bairro; regularização em determinados pontos do recolhimento do lixo urbano.

E, em 1992 têm-se iniciado as obras do primeiro Shopping da cidade de Belém. Inaugurado em setembro de 1993 o Shopping Iguatemi, enquanto a mais nova estratégia de acumulação do capital, foi o maior e mais expressivo empreendimento feito pelo capital privado no bairro de Batista Campos. Aproveitando da localização privilegiada em uma das principais avenidas do bairro, com o intenso fluxo urbano de carros e pedestres, situado próximo do centro comercial da cidade o shopping Iguatemi é construído em um espaço já conhecido do consumidor belenense, na junção antiga Mesbla e, ainda atual, Visão.

2. O espaço da racionalidade e do valor de troca

A implantação do Shopping Iguatemi, no começo da década de 1990, marca uma nova estratégia dos agentes hegemônicos em Belém. Ele é o espaço onde o capital se realiza de forma mais plena. Construído em função de uma determinada lógica a qual impõe aos cidadãos comportamento, modos de uso, o tempo e a duração de seu uso.

O capitalismo tem a necessidade de expandir-se da esfera de produção entrando nesse sentido na vida cotidiano dos indivíduos. Essa substituição do espaço do trabalho pelo território da cotidianidade como foco da opressão e das estruturas de reprodução do capitalismo, com a posição de relegar o cotidiano ao trivial sob o pretexto de sua aparente banalidade.

Esse espaço da mundialidade, produto da indústria difundi de forma generalizada os princípios e normas de uma sociedade de consumo, homogeneizando, padronizando costumes e práticas sociais do cotidiano de cada indivíduo que frequente ou viva nessa sociedade.

Com isso, o Shopping Iguatemi tem uma grande força no cotidiano daqueles que moram não só no bairro de Batista Campos, como para aqueles moradores que vem de bairros periféricos e distantes de Batista Campos com o intuito de terem horas de lazer. O lazer enquanto mercadoria, voltado para o valor de troca, de equivalência.

A difusão da sociedade de consumo, com o consumo do cotidiano e o cotidiano do consumo, com a entrada do capitalismo na esfera da vida diária do indivíduo só pode ser vista e entendida de forma a apreender o fenômeno em sua complexidade, por meio de uma estratégia de classe, que não observar as leis de uma teoria das necessidades mas por meio do valor signo, que possibilita a alienação dos indivíduos e o empobrecimento do cotidiano.

Entendemos que o que é mais importante nesses espaços onde predomina o valor de troca, enquanto prática cultural de massa, amplamente difundido pela publicidade, é a sua prestação social de classe, repleto de simbologias e significados.

Esse espaço, localizado em um dos bairros mais burgueses e tradicionais da cidade, são destinados há uma determinada classes que possuem o status que os diferencia de compra refletido pelas vestes, seus modos de portar em público, sua conduta. Por mais que esses espaços possam ser frequentados por outras classes menos abastadas a própria configuração desses espaços visa reforçar uma hierarquia social, que não é dada pela necessidade individual mas por seu significado de prestígio social.

Nisso o cidadão passa a ser diminuído e alienado como um mero instrumento para o consumo enquanto consumidor voraz desses e nesses espaços que cada vez mais figuram no cotidiano, no lazer, na cultura e na prática diária dos indivíduos dessa sociedade.

3. O espaço da singularidade da cultura e da vida urbana

O bairro de Batista Campos por ser um bairro altamente instrumentalizado e tecnificado a presença de objetos e espaço privados (Shopping Iguatemi, etc) dispostos comercialmente tendem a inibir a plenitude das ações e das práticas sociais no bairro, uma vez que se privilegia a utilização desses espaços pelos grupos sociais que aí frequentam, tornando, assim, possível a substituição do espaço público, espaço pleno das práticas sociais, pelos espaços privados.

A praça de Batista Campos, localizada no bairro de Batista Campos, enquanto um dos mais importantes espaços públicos da cidade de Belém, inscrito na história e na cultura da cidade, possui uma rica vida urbana em seu território. Possibilita o encontro, a co-presença, simultaneidade entre os moradores do bairro ao redor da praça e aqueles frequentadores que

vêm de vários pontos da cidade, por meio dos objetos que ela possui, tais como bancos, coretos, lagos com peixes para a contemplação, parques para as crianças, instrumentos de ginásticas.

Espaço vivido cotidianamente a praça de Batista Campos obedecendo ao tempo do humano, do caminha e passear pelas suas causadas, dentro das sociabilidades que a esfera pública urbana promove e, por isso, é alvo estratégico das inúmeras políticas urbanas tanto da prefeitura quanto do governo do estado.

Com isso, em 1996, o então prefeito de Belém Edmilson Rodrigues iniciou um processo de revitalização dos equipamentos e objetos – jardins, lagos, coretos, bancos, pontes, banheiros, etc. – da praça. Isso permitiu com que houvesse um processo de modernização da praça e seu entorno com base no desenvolvimento local, uma vez que permitiu a regularização das inúmeras barracas de côco e de seus ambulantes. Além, de promover uma maior segurança aos grupos sociais que a freqüentam com a reativação do posto da Polícia Municipal, para maior segurança, na praça e com a freqüente vigilância e policiamento, com o consentimento da Associação dos Amigos da praça Batista Campos e da comunidade que a freqüenta.

Essas ações possibilitaram um recuo do sentido amplo do termo público. Uma vez que, proporcionou uma expulsão, afastamento de inúmeros grupos de mendigos, meninos de rua e guardadores de veículos, que se viram obrigados a se afastarem da praça para o entorno ou para frente do supermercado Líder 24 horas; além de implementar uma taxa para serviços públicos na praça, tais como a utilização do banheiro. Proporcionou, também, o deslocamento dos assaltos e furtos que antes da revitalização se localizavam, em sua maioria, dentro do espaço público da Batista Campos para o seu entorno, com uma abordagem predominantemente por meio da condução de bicicletas, pelos assaltantes.

Isso não é constatado como um código formal, não esta escrita no código de conduta do município, mas revela-se como uma interiorização de certas normas vinculadas pelo Estado por parte da própria sociedade. A coesão a coação e a força de um constrangimento por esses mendigos que freqüentam o espaço da praça é cada vez maior. Tanto que muitos deles passam a se localizar em torno da própria praça, não podendo usar nem mesmo o banheiro “público” taxado por 0,50 centavos.

Considerações finais

O bairro de Batista Campos apresenta um em seu território inúmeros espaços privilegiados, com grande força de atração da massa populacional. Nesse sentido, podemos observar que os espaços do shopping Iguatemi e da praça Batista Campos regidos por lógicas distintas induzem as praticas sociais e de cidadania daqueles que freqüentam esses espaços.

O shopping Iguatemi enquanto espaço privilegiado pelo valor de troca, vincula-se a ser o refugio de uma determinada classe abastarda que ao se refugiar nesses espaços onde a relações sociais são mediadas pelo objeto, pela mercadoria acaba por ser uma forma de hierarquia social, enquanto uma estratégia de classe.

Já a praça de Batista Campos enquanto espaço vivido e construído na cotidiano e na história resiste frente aos cada vez mais freqüentes espaços destinados ao valor troca-signo. Espaço público pleno de práticas sociais, culturais e de cidadania do bairro de Batista Campos por mais que alguns fatos tenham lhe diminuído seu status de público acaba por ser o espaço mais democrático de se viver a vida urbana no bairro.

Notas:

Graduando do curso de geografia (Bach./ Licenc.) da Universidade Federal do Pará.

² Segundo Marx, o exercito de reserva seria mão de obra alienada ainda não empregada pelo capital mas que possui uma importância estratégica, tendo em vista a valorização do trabalho e a diminuição dos custos de produção.

Referências Bibliográficas:

ARENDRT, Hannah. *A condição humana*. 7° ed. rev., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. 352 p

BAUDRILLARD, Jean. *Para uma crítica da economia política do signo*. São Paulo: Martins Fontes, 1972. 278p.

BECKER, Bertha K. *Amazônia*. 2° ed. São Paulo: Ática, 1991. 112p.

BECKER, Bertha K.; MIRANDA, Marina; MACHADO, Lia O. *Fronteira amazônica: questões sobre a organização do território*. Brasília: Ed. da UNB e da UFRJ, 1990. 219p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996. 150p. (Geografia: teoria e realidade)

GONÇALVES, Carlos W. P. *Amazônia, Amazonas*. São Paulo: contexto, 2001, 179p.

- GOMES, Paulo C. da C. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991. 216 p.
- LEFEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- MELO, Marcus André B. C. A década perdida: globalização, crise do estado e metrópole no Brasil. In: GONÇALVES, Maria Flora. *O novo Brasil urbano: impasses dilemas e perspectivas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.
- OLIVEIRA, Janete M. G. C. de. *Produção e apropriação do espaço urbano: a verticalização em Belém – Pa*. São Paulo, 1992. 205p (Tese de Doutorado).
- RODRIGUES, Edmilson. *Aventura urbana: urbanização, trabalho e meio-ambiente em Belém*. Belém: UFPa, NAEA, 1996. 281p.
- RODRIGUES, Edmilson; Universidade Federal do Pará. *Notas sobre ocupação do espaço, meio-ambiente e qualidade de vida na região metropolitana de Belém*. Belém: UFPa/NAEA, 1994. 147p (Monografia de Especialização).
- ROSENDAHL, Zeni; CORRÊA, Roberto L.(Org.). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. 3ªed. São Paulo: Nobel, 1996
- SENNET, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair C. da; LENCIONI, Sandra; Universidade de São Paulo. *A cidade dispersa: os novos espaços de assentamentos em Belém e a reestruturação metropolitana*. São Paulo: 1998. 395p (Tese de Doutorado).
- TRINDADE JR., Saint-Clair Cordeiro. *Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém*. Belém: UFPa/NAEA, 1997.